



**Multiplicidades Epistemológicas do Dito e do Não-Dito:
ressonâncias entre os dispositivos de Foucault e a abordagem interacionista em
uma perspectiva das práticas comunicacionais como redes discursivas¹**

Danielle MIRANDA²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

São muitas as possibilidades de concepção para o entendimento do cenário contemporâneo no campo da Comunicação. A proposta deste trabalho é discutir à luz dos conceitos de Michel Foucault as multiplicidades contidas nas redes discursivas a partir de uma concepção que enquadra o campo da comunicação em um ambiente formado pelas múltiplas teias das linhas de enunciados e de visibilidades e seus engendramentos. Entendendo que enunciados e visibilidades se atravessam, constituindo devires incessantes, nos deparamos com pontos de contato e ressonâncias entre os estudos de Foucault voltados à dimensão de poder e os estudos de Erving Goffman dedicados à apreensão das relações cotidianas minuciosas e, em seu trabalho, inseparáveis de um princípio de agenciamentos de mecanismos de exibição de poderes e de quadros definidores de situações sociais. Ao identificar semelhanças especialmente no que compete à importância dada às práticas cotidianas e a uma microfísica do poder, destacamos elementos relevantes para uma perspectiva ampla do campo comunicacional, sem deixar de ressaltar pontos de desencontro – ou de complementaridade – presente entre os autores escolhidos.

PALAVRAS-CHAVE: enunciados; visibilidades; dispositivos; Foucault; Goffman; definição de situação.

1 Focos difusos na comunicação: os dizíveis e os visíveis

Porque o único sentido oculto das cousas
É elas não terem sentido oculto nenhum,
É mais estranho do que todas as estranhezas
E do que o sonho de todos os poetas
E os pensamentos de todos os filósofos,
Que as cousas sejam realmente o que parecem ser
E não haja nada que compreender

Fernando Pessoa, poemas de Alberto Caetano.

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRGS, email: danimiranda.andrigo@gmail.com.



Com papel central entre os diversos desdobramentos que se inscrevem às práticas comunicativas, os dispositivos institucionais e midiáticos requerem atenção nos estudos do campo, especialmente no que se refere à busca pelo abandono do entendimento de sua dimensão apenas técnica para as indissociáveis dimensões mais amplas e complexas de suas estruturas, como as ênfases em seus aspectos ligados à produção de semiose e em associação a diferentes agenciamentos que produzem as suas composições.

Como produtores de significação, os dispositivos, seguindo a matriz foucaultiana, devem ser compreendidos a partir de um emaranhado múltiplo e multilinear de linhas, fluxos de diferentes ordens, que traçam correntes em várias direções e são tensionadas por diferentes forças em exercício (DELEUZE, 1988). Posto que, para Foucault, os dispositivos são máquinas de fazer ver e fazer falar, importa neste trabalho analisar as dimensões essenciais de um dispositivo para pensarmos suas redes discursivas – as curvas de visibilidade e as de enunciação. Conforme Foucault,

as palavras estão tão deliberadamente ausentes quanto as próprias coisas; não há nem descrição de um vocabulário nem recursos à plenitude viva da experiência. Não se volta ao aquém do discurso – lá onde nada ainda foi dito e onde as coisas apenas despontam sob uma luminosidade cinzenta; não se vai além para reencontrar as formas que ele dispôs e deixou atrás de si; fica-se, tenta-se ficar no nível do próprio discurso. (FOUCAULT, 2009, p.55).

Assim, ao nos depararmos com a análise enunciativa de Foucault, chegamos a uma irreduzibilidade entre palavras e coisas – ambas práticas empíricas da realidade, que a encobrem e possuem suas próprias formas de processualidade e reprodução. Destas formas, extraímos dois grandes modos de organização que interessam neste artigo: o das *dizibilidades* e o das *visibilidades*, ou seja: modos discursivos ou não-discursivos, acrescentando aqui a sua importância para a compreensão comunicacional. Ao nos debruçarmos sobre estes conceitos é que identificamos em Foucault aquilo que irá, para nós, fazer surgir aproximações com os estudos de outro pesquisador importante também ao campo da comunicação para o pensamento acerca de redes de produção de significação: Erving Goffman. Respeitando as diferenças existentes entre os autores, a insistência de Foucault com a questão das práticas e a sua inscrição política do pensar



sobre o discurso nos leva a identificar ressonâncias no trabalho de Goffman, importante autor dentro das perspectiva interacionista para comunicação³.

Foucault revela um conceito de discurso que engloba as ações vinculadas por um lado às enunciações e, por outro, às ações não enunciadas, mas visíveis. Dois planos que permitem pensar toda prática comunicativa como resultado do encadeamento de múltiplos discursos e processos de produção de significação inscritos em um campo de visíveis e enunciáveis com profundas referências históricas. Ao estudar o interacionismo de Goffman, por sua vez, identificamos uma preocupação com o que são e como se articulam as práticas não discursivas do cotidiano – especialmente o cotidiano institucional, os pequenos processos de representação do eu e de detalhes disciplinares que impactam os processos de constituição de subjetividade na sociedade contemporânea.

Dessa forma, para Goffman (1987, p.153), é “nos pequenos atos de vida” que podemos observar estes processos em sua melhor incidência. Algo que nos remete à Foucault, que, ao nosso ver, amplia o panorama ao detalhar em um sentido mais pleno aquilo que Goffman aborda, indo até o funcionamento das instituições disciplinares em um medida mais vertical, até suas razões de surgimento, e com olhar para um funcionamento complexo – além do panorama dos detalhes pitorescos e micro análises minuciosas goffmanianas, mas, ainda assim, permitindo que se visualize pontos de contato de seu plano microfísico com a microsociologia de Goffman. Para Foucault, também nos detalhes – do visível e do dizível, é que residem possibilidades de desdobrar as estratégias pelas quais o poder se ramifica, circula, produz reflexos, saberes e subjetivações nos sujeitos.

Por mais que se diga o que se vê, o que se vê não está jamais no que se diz, e por mais que se faça ver por imagens, metáforas, comparações o que se vai dizer, o lugar onde elas resplandecem não é aquele que os olhos percorrem, mas aquele que as sucessões da sintaxe definem (FOUCAULT, 2001, p. 201-202).

Considerando as contribuições dos conceitos foucaultianos de enunciáveis e visibilidades, propomos aqui uma breve reflexão sobre a importância das práticas discursivas não discursivas na compreensão de que como estruturas físicas e simbólicas,

³ Os autores centrais para este trabalho foram trabalhados separadamente em aula ao longo da disciplina. As aproximações propostas aqui surgem do cruzamento de diferentes etapas da disciplina de Teorias – a questão enunciável-visível no primeiro módulo e a perspectiva interacionista de Erving Goffman no segundo, com a professora convidada Vera França.



em tempos de emergências de novas instituições, repercutem e impactam os processos de comunicação em relação aos processos de poder/saber. Essa reflexão é produzida a partir do resgate de aproximações e tensionamentos entre estes conceitos e o viés de reflexão permanente sobre as práticas de Goffman (GOFFMAN, 1975; 1987).

2 A análise enunciativa como diagonal

Deleuze (1988) nos sugere nunca se contentar em observar os fenômenos e os enunciados segundo uma dimensão horizontal ou vertical, mas sim formando uma transversal na diagonal. Tendo esta orientação como base, as práticas discursivas e não discursivas devem ser compreendidas em simultaneidade, como diagonal, como se atravessadas umas pelas outras. Dito isto, conforme o autor (DELEUZE, 1988), em Foucault o que se estabelece entre ambos é relação, não causalidade ou simbolização, ainda que haja o primado do enunciado. Primado este que jamais impedirá a irreduzibilidade histórica do visível – que nos chama a atenção por suas relações com as práticas das relações microfísicas. Para Foucault, “é preciso rachar, abrir as palavras, frases e proposições para extrair delas os enunciados” (DELEUZE, 1988, P.61). As visibilidades não se confundem também com os elementos mais visíveis. É preciso rachá-las também.

Se os enunciados e os visíveis se atravessam, podemos acompanhá-los de forma não rígida, mais flexível, entendendo sem cristalizações um certo discurso exatamente na diagonal em relação a outros discursos de outros campos de saber. Ao englobar as visibilidades no conjunto do discurso – logo, as práticas não discursivas – as curvas de visibilidade não devem ser entendidas como uma luz geral que torna visível certo objeto, mas como uma reverberação, como cintilações que conformam objetos e neles refletem. As visibilidades estão fora do olhar – “não se definem pela visão, mas são complexos de ações e de paixões, de ações e de reações, de complexos multissensoriais que vem à luz” (DELEUZE, 1988, p. 68).

Para Fischer (2001), essa questão possui relação com o entrecruzamento do discursivo com o não discursivo; para ela, fala-se de uma “produtividade visível nas coisas ditas” (p. 21), na medida em que trata da

(...) inseparabilidade entre vida e pensamento, de práticas institucionais e enunciados-verdade, de posições de sujeito e de forças



que se exercem no sentido da interpelação dos agentes para a posse e a afirmação de um discurso “como seu”. Trata-se, sobretudo, da relação entre continuidade e descontinuidade histórica, como orientação fundamental para a análise dos discursos, o que implica acompanhar as coisas ditas naquilo que se refere às linearidades, reforços, reafirmações de um certo campo de saber e, simultaneamente, ao que irrompe, às rupturas nesse mesmo discurso. Por tudo o que até aqui expusemos, é possível mais uma vez ressaltar a intrincada relação entre teoria e prática, discurso e poder, enunciado e história, na concepção de Foucault. Para ele, o discurso é sempre um “bem”: (FISCHER, 2001, p. 22).

Assim, em Foucault, a noção de uma rede discursiva que conforma curvas de visibilidade e enunciação, agendando aquilo que é dito e o que é visível, faz com que o que parece acidente do ponto de vista das palavras e frases, torne-se a regra do ponto de vista dos enunciados (DELEUZE, 1988, p. 21). Interessa-se nos pensar nisso especialmente do ponto de vista do campo da comunicação, uma vez que, no meio comunicacional, exatamente como propõe Foucault, concordamos que pode-se formular uma frase ou proposição sem que se ocupe sempre o mesmo lugar no enunciado correspondente ou se reproduza as mesmas singularidades – “Um mesmo *slogan*, ‘o lugar dos loucos é no hospício!’, pode pertencer a formações discursivas completamente distintas” (DELEUZE, 1988, p. 22).

Para além das coisas ditas e das coisas vistas, em Foucault existem também coisas não ditas e não vistas que o enunciado supõe. Linhas de força que agirão de um ponto a outro, entrecruzando coisas e palavras. Linhas que mesmo invisíveis e indizíveis iram perpassar todas as linhas de um dispositivo – que pode ser comunicacional. Estas linhas formam a dimensão do poder que compõe o saber e seus enunciados e que Foucault, ao estudar a disciplina, esmiúça em uma microfísica do poder (FOUCAULT, 1996), definida por “técnicas sempre minuciosas, muitas vezes íntimas, importantes porque definem um certo modo de investimento político e detalhado do corpo” (1996, p. 120). Para ele, para entender como esta microfísica espalha-se sobre o corpo social é preciso atenção aos detalhes e minúcias, às suas coerências técnicas, aos pequenos arranjos – inclusive os de aparência inocente. Assim, os dispositivos midiáticos ou comunicacionais encontram-se dentro deste ambiente, onde a questão do poder se faz ver no microfísico ao mesmo tempo em que representa uma dimensão essencial das redes discursivas. Como já dito, em Foucault, o discurso é um bem:

[...] um bem – finito, limitado, desejável, útil – que tem suas regras de aparecimento e também suas condições de apropriação e de utilização; um bem que coloca, por conseguinte, desde sua existência (e não simplesmente em suas ‘aplicações práticas’) a questão do poder; um



bem que é, por natureza, o objeto de uma luta, e de uma luta política (FOUCAULT, 2009, p. 136-137).

3 O micro como fundamental nas dimensões que atravessam visível e enunciável: pontos de contato entre Goffman e Foucault

Assim como Foucault se ocupa dos fluxos das linhas de poder e dos seus movimentos microfísicos, do estudo político dos mecanismos disciplinares afetando os dizíveis e visíveis sociais, identificamos em Goffman, apesar das diferenças e peculiaridades de cada autor e de suas vertentes, um programa que também compreende a observação do detalhe e das minúcias cotidianas, balizadas pelo enfoque político de seus empregos para atos de dominação e controle em contextos de produção de subjetividade, especialmente em ambientes institucionais.

Um dos pontos que destacamos é a noção de “definição da situação”, central na obra de Goffman – e também na Escola de Chicago. Para o autor, a situação social constitui uma realidade definida como

um ambiente que proporciona possibilidades mútuas de monitoramento, qualquer lugar em que um indivíduo se encontra acessível aos sentidos nus de todos os outros que estão ‘presentes’ e para quem os outros indivíduos são acessíveis de forma semelhante. (...) uma situação social emerge a qualquer momento em que dois ou mais indivíduos se encontram na presença imediata um do outro e ela dura até que a penúltima pessoa saia” (GOFFMAN, 1998, p. 13-14).

Desse ponto, a visão goffmaniana centraliza a forma como atribui sentido aos contextos, mas não apenas numa perspectiva individual de definição das situações, mas com um direcionamento que indica diversas maneiras de definir uma mesma situação, marcadas por relações de poder – o que coincide com Foucault. Também Goffman revela desenhos de esquemas de disciplinas (GOFFMAN, 1987; 1998), estatutos normativos e um empenho em decifrar as práticas microfísicas instituintes de reprodução de certos padrões de relações sociais.

É no estudo de uma “geografia da liberdade” (GOFFMAN, 1987, p.191) encontrada nas “instituições totais” que Goffman apresenta uma concepção de como forma-se toda uma tecnologia de focos de poder a partir de detalhes do cotidiano, detalhes estes capazes de produzir e reproduzir uma subjetividade capitalística, ao



mesmo tempo em que, de suas práticas, podem fazer emergir focos outros – de resistência, contrapoder e autonomização do sujeito.

Em seu trabalho sobre a instituição total, Goffman (1987) dá especial atenção ao plano microfísico destas instituições, abordando manicômios, conventos e prisões, mostra como são silenciados e reduzidos sujeitos pelas lógicas contidas nestes espaços, com “fontes imateriais, substituições e explorações do sistema” (GOFFMAN, 1987, p. 173 a 188). Encontramos, neste trabalho, pontos de semelhança com aspectos importantes para Foucault como a noção normatizadora e os microfuncionamentos das práticas em funcionamento das instituições modernas de amplos tipos.

Ambos, portanto, tendem a um raciocínio que movimenta o olhar das interações sociais do sujeito individual para uma ordem coletiva – mesmo quando Goffman assume a questão dos papéis individuais desempenhados na representação do Eu na vida cotidiana (GOFFMAN, 2005), isso é parte de um teatro coletivo e com “regras” de encenação que se difundem de forma capilar pelos fluxos sociais.

A questão que vemos como um dos elementos a considerar como uma “ampliação” deste enfoque ao micro na obra de Michel Foucault em relação à de Erving Goffman reside em parte na multiplicidade com a qual o autor se preocupa em relação aos enunciados: multiplicidades de enunciações, de sujeitos, de relações de poder – mas, especialmente, na forma como circunscreve essa multiplicidade em um campo de saber, em um determinado campo de discursos e com uma “radical inscrição histórica das coisas ditas” (FISCHER, 2002). Essa percepção vem ao encontro do que enfatiza Santos (2008) em sua análise sobre o relato de Primo Levi sobre os campos de extermínio de judeus a partir da perspectiva de instituição total goffmaniana. Para ele, é necessário que se compreenda na sociologia de Goffman a “localização de uma teoria das interações autoritárias e da maleabilidade do ator ou indivíduo na conformação social e histórica” (2008, p. 232). Porém, apesar de buscar compreender os espaços e estratégias adotados pelos indivíduos em situações sociais concretas, na interação sempre delimitação a uma situação social definida, assim como seus mecanismos de manutenção e preservação da ordem social destes espaços, para Santos seria ainda necessário:

articular a sociologia de Goffman com as possibilidades e necessidades de se investigar as situações de interação espacialmente delimitadas, com uma reconstrução histórica de instituições e espaços sociais mais amplos, isto é, de uma tensão entre história e instituições e entre amplas configurações sociais e espaços de interação demarcados. (SANTOS, 2008, p. 232).



Por sua vez, na sua concepção dos enunciados como feixes de relações, Foucault (1979) atenta em muitos momentos para a articulação dos enunciados e práticas de forma mais inevitavelmente constituídas por feixes que são da ordem histórica, da ordem do acúmulo de discursos de um mesmo campo, mais próximo dessa abordagem que contempla as “tensões históricas e amplas configurações sociais” que cita Santos na citação acima.

Disso, resulta uma percepção relevante para compreendermos que as linhas de enunciação nos dispositivos – comunicacionais ou não – são marcados por processos também dialógicos, mas nos quais devemos buscar os contornos que fazem os enunciados e as visibilidades emergirem em determinado campo, que definem o que é visível e o que é enunciável em cada sociedade. Estas linhas que marcam os dizíveis e visíveis parecem em parte regiões “exteriores”, mas são também feixes que percorrem estes elementos de nossas redes discursivas através de todas suas tramas de relações de poder e de impacto em produção de subjetividades. Conforme Deleuze (1988), cada dispositivo – dentro dessas tramas – tem seu próprio regime de enunciação e de luz, de formas pelas quais se expande, se esfuma e vai distribuir o visível e o invisível - fazendo aparecer ou desaparecer elementos que não se apresentariam sem estes regimes. Seguindo o pensamento de FISCHER (2002, p.21):

Essa definição é relevante para compreendermos que "entidades" como sujeitos e objetos não preexistem ao discurso, são os regimes que definem o que é visível e enunciável em uma determinada sociedade, numa operação que nunca é fixa, mas antes, sempre variável, sujeita a derivações e transformações constantes, visto que cada linha transpõe alguns limiares, e que, por isso, se tornam estéticas, científicas, etc. (FISCHER, 2002, p. 21).

Assim, constata-se que, para pensarmos em uma leitura mais vertical sobre os dispositivos – por concordarmos com Gilles Deleuze (1988), para quem a sua história se define pela história identificada dos regimes de luz e de enunciados, torna-se relevante jamais descuidar das múltiplas e micros linhas em movimento e de curvas em contato com todas as dimensões que compõem um dispositivo. Assim, é mesmo nas “pequenas artes do fazer cotidiano” e nas minúcias das interações sociais – como propõem Goffman – que pode-se de forma interessante chegar a entendimentos de modos como enunciados e visíveis se constituem, reproduzem, ramificam e processam suas direções. Ao mesmo tempo e com especial importância, ressalta-se também o papel histórico e amplo pelo qual deverá sempre



ser considerado aquele que é um dos conceitos matriciais para pensar estes regimes em Foucault: a dimensão do poder.

4 Considerações: o dito e não dito sempre presentes no campo da comunicação

Apesar dos autores trabalhados não dedicarem seu foco de estudo à questão dos dispositivos midiáticos – mas sim de regimes com os manicômios, ou hospitais ou prisões, ou conventos, por exemplo - o pensamento sobre os regimes de enunciados e visibilidades e suas relações transversais com os diferentes dispositivos institucionais se faz pertinente por ser uma concepção relevante que permite tensionar os fenômenos comunicacionais mais abrangentes sob uma epistemologia que permita não abrir mão de considerar os impactos dos diferentes tipos de aparelhos de comunicação e mídia nos processos contemporâneos de subjetivação e revelação de poder na contemporaneidade.

Os processos atuais de construção de saber, manutenção de poder, de produção de desejos e subjetividades estão intimamente ligados às práticas midiáticas, da mesma forma como a produção no campo de comunicação se faz totalmente arraigada aos contextos amplos dos regimes que lhes deram origem e dentro do qual atuam. Alicerçado pela compreensão das relações em jogo nas microfísicas do poder – e nas minúcias das interações cotidianas – o estudo das práticas do campo da comunicação pode ser melhor inserido em um contexto que dá a ver o seu papel na constituição de aparatos que agenciam experiências sociais e atuam como processos subjetivadores de relações e indivíduos.

Na práxis comunicativa, assim como nos processos diversos de produção de semiose em nossa sociedade, visibilidades, enunciados e poder se atravessam e interferem nos processos de construção de sentido contemporâneos. Ainda que em regimes como o da história da loucura ou da sexualidade os dispositivos de poder possam parecer mais evidentes – ou enfáticos -, a presença e força dos dispositivos midiáticos merece ser priorizada pela sua dimensão social e a maneira como mesmo a aparente “não mediação” (caso de mídias em plataformas vinculadas à internet ou mobile, por exemplo) sempre está remetendo a uma cadeia de redes discursivas já existente e formada.

Cartografando práticas e redes do campo da comunicação, pode mostrar-se relevante observar os dispositivos midiáticos enquanto esse atravessamento diagonal,



interconectado e em fluxo, formado pelas linhas e curvas de enunciados, visibilidades, poderes e elementos dos próprios estratos históricos que os geraram.

Considerando isto, o entendimento de como funcionam todas as dimensões, de como os dispositivos midiáticos podem ser dimensionados enquanto elementos chave de profundas teias de relações de poder se torna um ponto central para a complexificação da área. Tanto a microfísica do poder de Foucault quanto as investigações de ordem intrainstitucional realizadas nas obras de Goffman constituem contribuições significativas para a análise do papel da Comunicação Social na produção de subjetividade. Pela inserção na sociedade, as visibilidades e enunciados mediados guardam especificidades que não devem ser negligenciadas e que colocam em pauta as extensões estratégicas e meios de inscrição de relações de poder merecedores de estudo na área.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1988

FISCHER, R. M. B. **Foucault**. Trabalho disponível na internet, sem data.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 2009.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GOFFMAN, E. **A representação do Eu na vida cotidiana**. Vozes : Petrópolis, 2005.

_____. A situação negligenciada. In: Ribeiro, B. T. Garcez, P. M. **Sociolinguística interacional**. Porto alegre: Age, 1998.

_____. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

SANTOS, R. **Interações, poder e instituições totais: a narrativa de Primo Levi e a microssociologia de Erving Goffman**. Revista de Sociologia Política. V.17, Nº 34. 231 – 240. Out 2009.